



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura dos decretos de desapropriação de imóveis do complexo da Usina Catende em PE

Palácio do Planalto, 13 de outubro de 2006

Eu acredito que o que tinha que ser falado sobre a Usina Catende e a luta que os trabalhadores da região fizeram para conquistar definitivamente já foi dito. O que é importante ressaltar é o resultado da perseverança, esse é o fato importante. Eu, quando fui, em 1999, à Usina Catende, na época tinha um conflito lá, e nós discutíamos com o doutor Miguel Arraes, nós discutíamos com pessoas ligadas a bancos para que tentassem interceder para evitar que a Usina Catende terminasse em nada.

Quando fui à Usina Catende, a coisa que mais me assustou, Manoel, foi a megalomania de pessoas que conseguem pegar dinheiro, com facilidade, dos bancos públicos, coisa que o povo trabalhador não pegava naquela época, e aplicar em coisas que não eram prioritárias para a própria usina. Na verdade, o que eu vi lá foram algumas mansões, certamente onde moravam os filhos ou os parentes dos usineiros, e o dinheiro mesmo, para resolver o problema da usina, não era aplicado.

Na época eu fiquei assustado porque eu me perguntava: como é que pode uma empresa que tem uma avaliação do seu patrimônio líquido de apenas 60 milhões de reais conseguir, do Banco do Brasil, empréstimos oito vezes superior ao valor patrimonial da empresa? Eu não sou economista, mas a diferença entre o capital da empresa e o financiamento era de tal magnitude que eu voltei para cá sem compreender, e voltei sonhando que a gente poderia resolver esse problema em algum momento.

Eu acho que este ato de hoje, esta assinatura dos decretos, Manoel, eu penso que é mais do que uma conquista, eu penso que é a sinalização



definitiva de que nesse tempo todos nós aprendemos, e não foi fácil. As dificuldades nem sempre, no campo jurídico, são fáceis; as dificuldades no campo econômico são difíceis, ou seja, nós precisamos criar uma consciência, no Brasil, de microcrédito, de financiamento ao pequeno, para que as coisas pudessem voltar a funcionar.

Eu não esqueço nunca que em outubro de 2003 nós descobrimos que muita gente, no Banco do Brasil, tinha perdido o hábito de emprestar dinheiro para pequeno. E não era maldade do gerente não, não era má-vontade do superintendente, era que a cultura política estabelecida no País era a de não ter prioridade para os pequenos, a prioridade era apenas para aqueles que habitualmente costumavam contrair empréstimo, depois não pagavam, depois corriam, sobretudo em época eleitoral, faziam o governo fazer um novo plano de financiamento por 20 anos, por 15 anos, por 30 anos, e essa história perdurou durante 30, 40 anos no Brasil. Definitivamente, nós vamos ter que mudar essa situação.

E o gesto da Usina Catende é a sinalização de que a reforma agrária no Brasil é uma coisa definitiva. Certamente, nós não fizemos tudo o que queríamos fazer mas, certamente, fizemos muito mais do que os outros fizeram e, certamente, fizemos mais do que aquilo que nós mesmos imaginávamos fazer, em função da precariedade que nós encontramos. Ou seja, além do Incra não ter funcionários, vocês viram os números mostrados pelo Guilherme, nós ainda pegamos algumas greves pela frente, porque também o salário dos funcionários estava totalmente defasado.

Eu, na verdade, Manoel, não queria fazer este ato aqui, eu queria esperar passar o processo eleitoral e ir a Catende fazer uma visita à Usina Catende, não só porque ela já foi a maior da América Latina, mas porque o que vocês conseguiram fazer naquela Usina foi provar o seguinte: não existe, neste mundo de Deus, ninguém superior a ninguém. Neste mundo de Deus, o que falta são as oportunidades. Na medida em que vocês tiveram um mínimo de



oportunidade, o incentivo, mesmo que ainda pequeno, do governo, o que aconteceu é que vocês provaram que a usina Catende deu certo e que pode dar muito mais certo ainda.

Eu concordo, Manoel, quando você fala que não é possível apenas desapropriar as terras e deixar a Usina para outro dono porque vocês voltarão a ser empregados do mesmo jeito. É preciso, e o Incra me disse aqui, que o Ministério do Desenvolvimento Agrário já está fazendo avaliação, e é preciso que a gente traga para dentro do governo... já que deu certo com a terra, por que não pode dar certo com a Usina? Eu conheço muitas empresas no Brasil que os trabalhadores conseguiram salvar. Estavam falidas, os trabalhadores assumiram, tiveram oportunidade de financiamento e conseguiram fazer com que o projeto desse certo.

Então, eu acho que nós vamos continuar caminhando para a totalização das soluções dos problemas da Usina Catende. Uma coisa que me deixa tranquilo hoje, e muito tranquilo, é que o primeiro grande passo foi dado. O trabalhador já está sentindo o cheirinho de ser dono da terra em que muitos trabalham, mas seus pais já morreram, seus avós já morreram e eles estão hoje dizendo: valeu a pena o sacrifício, valeu a pena enfrentar a polícia, valeu a pena enfrentar determinado tipo de político no Brasil, valeu a pena enfrentar as injúrias de que vocês foram vítimas durante tanto e tanto tempo.

Então, eu acho que essa coisa... eu fico imaginando os trabalhadores lá, agora, como eles estão sentindo o seguinte: "Estou botando o pé no que é meu, acabou a escravidão, acabou a exploração e eu vou viver no meu chão depois de tantos e tantos anos". Nada é mais prazeroso do que um governante viver esse momento. Uma conquista que vocês fizeram sem violência, pelo contrário, foram vítimas; uma conquista que vocês fizeram, demonstrando que o trabalhador quer paz; uma conquista que vocês esperaram há 13 longos anos, não foram 13 dias, sem nenhum gesto de violência. Quando tinha alguma coisa, era para resistir a determinadas atitudes contra vocês. Eu



também quero dizer para vocês que eu acho que nós precisamos render homenagem a dois tipos de gente: primeiro, aos trabalhadores, já que sem eles nós não teríamos conquistado e, segundo, ao doutor Miguel Arraes, porque se não fosse a coragem dele, se não fosse pela atitude do doutor Miguel Arraes, certamente nós não estaríamos aqui, vivendo este momento hoje.

Só posso dizer para vocês: continuem fazendo o que vocês fizeram na Catende, com muita tranquilidade, porque a reforma agrária não é apenas a quantidade de terra que você disponibiliza. A reforma agrária é a qualidade do resultado da terra que você dá ao trabalhador e à sua família para trabalhar. Para isso, o governo tem que continuar compatibilizando a qualidade dos assentamentos com a quantidade das pessoas assentadas, com a qualidade da assistência técnica, com a qualidade do financiamento e com a qualidade da garantia dos preços quando o mercado não atender à necessidade da sobrevivência das pessoas. Eu penso que se todos nós tivermos essa compreensão, nós faremos a reforma agrária tão sonhada por todo mundo em um tempo menor, mais rápido e com muito mais tranquilidade do que já foi feito em qualquer outro momento da história do Brasil.

Meus parabéns a todos vocês e continuem se organizando porque ainda temos chão pela frente. Um abraço.